



Nicolaus Cardinalis et Episcopus Brixiae

A VISÃO DE DEUS

Nicolau de Cusa

Tradução e Introdução de
JOÃO MARIA ANDRÉ

Prefácio de
MIGUEL BAPTISTA PEREIRA



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN | LISBOA

VI

A VISÃO FRONTAL

Quanto mais demoradamente, Senhor, Deus meu, olho o teu rosto me parece que tanto mais agudamente me penetras com os teus olhos. O teu olhar leva-me, todavia, a considerar como esta imagem da tua face foi, por isso, pintada duma forma sensível, porque uma face não teria podido ser pintada sem cor e a cor não existe sem quantidade. Vejo, no entanto, não com olhos carnisais, que olham para este teu ícone, mas com olhos mentais e intelectuais a verdade invisível da tua face que na sombra é aqui significada em contracção. A tua verdadeira face está, todavia, desligada de qualquer contracção. Assim, não pertence ao domínio da quantidade, nem da qualidade, do tempo nem do lugar. É, pois, a forma absoluta, a face de todas as faces.

Por isso, quando considero como tal face é a verdade e a medida supremamente adequada de todas as faces, sinto-me conduzido a uma profunda admiração. Assim, essa face, que é a verdade de todas as faces, não é do domínio da quantidade, e por isso não é maior nem mais pequena; nem é, porém, igual a nenhuma, porque não é do domínio da quantidade, mas absoluta e sumamente exaltada. É, por isso, a verdade, que é a igualdade desli-

gada ⁽¹⁾ de qualquer quantidade. Assim compreendo que o teu rosto, Senhor, é anterior a todas as faces formáveis, é o modelo e a verdade de todas as faces e todas as faces são imagens da tua face insusceptível de contracção ou participação. Daí que toda a face que pode olhar para a tua face nada veja que seja diferente ou diverso de si própria, porque vê a sua verdade. Ora a verdade do modelo não pode ser diferente nem diversa, mas isso acontecê com a imagem, devido ao facto de ela não ser o próprio modelo.

E assim, tal como enquanto olho, de oriente, esta face pintada, me parece que ela igualmente me olha, e o mesmo acontece enquanto a olho de ocidente ou de sul, parecendo-me a tua face voltada para mim, seja qual for o modo como movimento a minha face, do mesmo modo a tua face está voltada para todas as faces que te olham.

O teu olhar, Senhor, é a tua face. Por isso, quem te olha com face amorosa não encontrará senão a tua face a olhá-lo amorosamente. E com quanto mais amor se esforçar por te olhar, tanto mais amor descobrirá na tua face. Quem te olhar com ira descobrirá igual expressão na tua face. Quem te olhar com alegria descobrirá a tua face também alegre como o é a daquele que te olha. Com efeito, tal como os olhos corpóreos que tudo vêem através de um vidro vermelho julgam que são vermelhas as coisas que vêem, e que são verdes ao vê-las através de um vidro verde, assim também os olhos da mente, velados na contracção e na paixão,

⁽¹⁾ *Absoluta*

te julgam a ti, que és o objecto da mente, de acordo com a natureza da contracção e da paixão.

O homem não pode julgar a não ser humanamente. Com efeito, quando um homem te atribui uma face, não a procura fora da espécie humana, porque o seu juízo está contraído na natureza humana. E, ao julgar, não abandona a paixão desta contracção. Assim, se o leão te atribuísse uma face não teria em conta senão a face do leão, o boi a do boi e a águia a da águia ⁽¹⁾.

Senhor, quão admirável é a tua face, que, se um jovem a quisesse conceber, representá-la-ia como jovem, um adulto como adulto, um velho como velho. Quem poderia conceber este modelo único, sumamente verdadeiro e adequado de todas as faces, que o é tanto de todas como de cada uma e o é tão perfeitissimamente de uma como se o não fosse de nenhuma outra? Seria necessário transcender as formas de todas as faces formáveis e de todas as figuras. E como conceberia então uma face, uma vez transcendidas todas as semelhanças e figuras de todas as faces, todos os conceitos que podem ser formados sobre a face, toda a cor, ornamento e beleza de todas as faces?

Por isso, quem se resolve a ver a tua face, enquanto concebe algo, permanece longe da tua face. Pois qualquer conceito sobre faces é inferior à tua face, Senhor, e qualquer beleza que possa ser concebida é inferior à beleza da tua face. Todas as faces têm beleza, e contudo não são a própria

⁽¹⁾ Xenófanos, Diels, frag. a. a. o. 21^B

beleza. Mas a tua face, Senhor, tem beleza e este ter é ser. Por isso ela é a beleza absoluta, que é a forma que dá o ser a toda a forma bela. Ó face excessivamente bela, para admirar a tua beleza não são suficientes todas as coisas com as quais é dado olhá-la. Em todas as faces aparece a face das faces de modo velado e enigmático. Não aparece, realmente, a descoberto, enquanto se não penetra, para além de todas as faces, num secreto e oculto silêncio onde nada resta da ciência ou do conceito de face. Esta é a escuridão, a névoa, as trevas ou a ignorância em que mergulha aquele que procura a tua face quando supera toda a ciência e conceito, aquém do qual a tua face não pode ser vista senão veladamente. Esta escuridão revela que aqui se encontra a face acima de todos os véus.

Quando os nossos olhos procuram ver a luz do sol, que é a sua face, vêem-na primeiro veladamente nas estrelas, nas cores e em todas as coisas que participam da sua luz. Porém, quando se esforçam por a ver de modo descoberto, superam toda a luz visível, pois toda essa luz é inferior àquela que procuram. Mas porque procuram ver a luz que não podem ver, sabem que, enquanto vêem algo, isso não é aquilo que procuram, sendo por isso necessário transcender toda a luz visível. Assim, aquele que deve transcender toda a luz [sabe] que é necessário que aquilo em que mergulha careça de luz visível. Para os olhos isso é, por assim dizer, trevas. E quando os olhos estão nas trevas que são escuridão, se sabem que estão na escuridão, sabem que se aproximam da face do sol. Essa escuridão nasce,

pois, nos olhos, a partir da excelência da luz do sol. Por isso, quanto maior souberem a escuridão, tanto mais verdadeiramente atingem na escuridão a luz invisível. Vejo Senhor, que só assim, e de nenhum outro modo, é possível aceder abertamente à luz inacessível, à beleza e ao esplendor da tua face.